

Imigrantes e turistas na Primeira República: a circulação de estrangeiros pelo foco da imprensa

VERA LÚCIA BOGÉA BORGES (UNIRIO)*

Primeira República, Cidades e Imprensa: algumas conexões

O período da Primeira República no Brasil (1889-1930) foi marcado por fases bastante distintas e, para tanto, selecionamos os anos 1920 como foco de nossa reflexão. O ponto de partida centra-se no estrangeiro que chegava ao país tanto na condição de imigrante quanto de turista e a maneira como a circulação destes indivíduos era noticiada pela grande imprensa carioca. Neste sentido, as cidades podem ser percebidas como torres de babel brasileiras onde as pessoas tentavam se entender numa mistura de português, italiano, espanhol, árabe e tantos outros idiomas falados no dia a dia citadino.

Em primeiro lugar, vamos tecer algumas considerações sobre as cidades brasileiras que tinham pontos em comum com suas vizinhas no continente latino americano. Dessa forma, as cidades portuárias como Rio de Janeiro, Montevideú, Buenos Aires, Panamá, Havana e Porto Rico passaram por mudanças tanto no seu traçado quanto na sua estrutura social ao reunir diferentes grupos. Segundo José Luis Romero, para além da condição de centro administrativo e político, o contato direto com o exterior acabou por garantir-lhes a condição de centros de decisões econômicas. Vários espaços distintos compõem a realidade das cidades sendo que as ruas são repletas de variedades que expõe a mistura de classes, sexos, idades e atividades. Gradativamente, nesta diversidade urbana, os estrangeiros passavam a circular pelas cidades brasileiras com destaque para a capital federal na época. A idéia de modernização, associada à noção de crescimento a partir da industrialização do país pareciam ser a marca daqueles anos. Segundo Nicolau Sevcenko, as elites brasileiras queriam promover o que consideravam ser o desenvolvimento do Brasil a qualquer preço. Portanto, as ruas das cidades deviam mostrar funcionalidade e garantir da melhor maneira possível a circulação tornando-se via de passagem para pedestres e veículos.

* Professora Adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Departamento de Turismo e Patrimônio (DETUR). Doutora em História (PPGH/UERJ-2009), autora do livro *A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República* (Apicuri/FAPERJ, 2011) e organizadora do livro *Vozes do Turismo: incursões interdisciplinares e relatos de experiências* (Multifoco, 2015).

Na segunda década do século XX, no cenário de mudança e de transformação do espaço, a cidade parecia ser sua força motriz. Como observa Richard Morse, as cidades podem ser percebidas como arenas culturais ao terem seu ambiente conhecido e tornaram-se, assim, teatros da ação humana. Assim, todos os cantos deste palco devem ser observados por aqueles que analisam temas relacionados às cidades e, de acordo com Raquel Rolnik, ao estudá-las devemos observar o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos que ainda contém, também, a experiência daqueles que os construíram. Rolnik considera que as formas e tipologias arquitetônicas - desde quando se definem enquanto *habitat* permanente - podem ser lidas e decifradas tal qual nós fazemos com um texto. A cidade também apresenta uma dimensão política ao servir de cenário de dominação, isto é, das autoridades sobre o conjunto de seus habitantes e como observa Angel Rama, a participação dos diferentes indivíduos não se dá em igualdade de condições. Dito de outra maneira, enquanto uns determinam os princípios, outros têm seu papel reduzido à submissão às regras e aos regulamentos estabelecidos.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual composta por diferentes elementos, ou seja, suas vias, suas construções, o movimento de pessoas e a agitação das atividades estão concentrados num mesmo espaço. Ao longo do tempo e mais especificamente na Primeira República, a cidade pode ser percebida como um lugar saturado de significações e, neste cenário, o personagem que escolhemos são os estrangeiros (imigrantes e turistas) vistos pelas lentes da grande imprensa carioca. Em linhas gerais, na década de 1920, o conjunto de títulos referentes às publicações (jornais e revistas) passou a ter circulação mais regular ao respeitar a periodicidade e apresentar inovações em termos de recursos técnicos. As modernizações daquele período também eram notadas nas edições das revistas que passaram a circular. Em 1908, a *Careta* foi fundada por Jorge Schmidt e apresentava excelente padrão gráfico e editorial e contava com colaboradores de projeção e alguns dos melhores chargistas do país, com Raul e J. Carlos. De acordo com Sheila Garcia, esta revista mesclava elementos textuais e gráficos na construção do seu discurso e a composição da página editorial era resultado de um processo coletivo que envolvia os escritores, os chargistas e, até mesmo, os proprietários de a *Careta*. Portanto, semanalmente, os leitores encontravam nas charges e nos textos (legendas e/ou artigos) a marca do humor que era característica desta revista. Neste sentido, a produção do humor na sociedade da Primeira República evidenciava um estado de espírito ou de ânimo para além da demonstração clara e espontânea de alegria. Portanto,

diferentes elementos da época eram debatidos e a partir da criação de estratégias e recursos os leitores iam, gradativamente, tendo contato com as imagens e os textos com tema os estrangeiros que circulavam pelas diferentes cidades brasileiras.

Imigrantes e turistas nos anos de 1920 nas páginas da Revista Careta

No Brasil, a circulação de estrangeiros remonta desde o período colonial. Inicialmente, na condição de navegadores, colonizadores, religiosos, ou ainda, de viajantes interessados em conhecer a fauna e a flora locais, eles pareciam combinar a sensação do desafio com o intento de se estabelecer e/ou conhecer o local. Portugueses, espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e muitas outras nacionalidades passaram e passam pelas terras brasileiras. Ao chegarem de fora, os estrangeiros vinham para o Brasil pelos motivos mais diferentes. No período da Primeira República, comumente, associamos os estrangeiros com os imigrantes que entraram no país seja por intermédio de seus recursos próprios ao subvencionados por seus países de origem, pelos fazendeiros brasileiros e, ainda, pelo governo federal ou dos estados brasileiros. De acordo com as estatísticas oficiais, aproximadamente dois milhões de imigrantes entraram no país nas décadas de 1910 e 1920. Após a I Guerra Mundial, a crise que atingiu o continente europeu e a nova fase de expansão do café no Brasil serviu de motivação para a vinda de imigrantes. Aqui vale uma observação. Note a relação quase que automática entre imigrantes e força de trabalho era predominante naquele período e caminhou paralelamente ao desenvolvimento e à diversificação da economia brasileira. Na produção cafeeira, eles eram empregados nas grandes fazendas ou, ainda conquistaram a condição de pequenos proprietários. Por sua vez nas cidades, eles aumentaram o contingente de trabalhadores nas indústrias e acompanharam, na condição de protagonistas, o processo de urbanização pelo qual passou o país.

Muitas vezes, no primeiro quartel do século XX, este cenário de crescimento e de esperança que o Brasil, enquanto um país novo quando comparado com as nações europeias tradicionais, despertou no imaginário dos estrangeiros novas possibilidades. A potencialidade do turismo na condição de novo negócio fez com que o país fosse apresentado no exterior como um destino turístico possível nos moldes do que acontecia com a Argentina (Mar Del Plata, Buenos Aires e Bariloche). Na tentativa de contribuir para a consolidação da imagem de um país desenvolvido, o Brasil teve o primeiro impulso para o desenvolvimento

do turismo, tal como entendido na atualidade, com as primeiras estruturas organizadas para receber esses “novos viajantes”. Para aqueles que tinham recursos e podiam usufruir do turismo para os seus momentos de entretenimento, o Brasil tornou-se uma possibilidade bem razoável na América Latina.

De maneira bastante espirituosa, a revista *Careta* registrava a presença de estrangeiros no Brasil durante os anos de 1920 e os desafios de chegarem por aqui, acompanhamos uma dessas edições sob o título *de Manual de conversação, do português para qualquer língua, o guia prático para estrangeiros, revisto e melhorado por diversos autores*:

São sabidas as dificuldades que os estrangeiros que demandam as nossas terras e plagas encontram na prática da língua falada; não só porque encontram no desembarque do cais do porto algum candidato à academia de letras que lhe faz um discurso intraduzível, como também porque a nossa língua ainda está com a gramática por fazer e não tem um dicionário portátil que guie os forasteiros na escolha dos termos próprios aos diversos misteres e situações da vida. Para suprir essa lacuna que afasta imigrantes e excursionistas, levando-os de preferência a Buenos Aires, onde encontram uma língua acessível e uma população cosmopolita, publicamos aqui este novo formulário prático de conversação que muito auxiliará a introdução de imigrantes japoneses e malaios, abissínios e polinésios, polacos e franceses, aptos a resolver o problema pessoal de suas ambições, embora agravando o nosso problema social que consiste como se sabe, em substituir o mendigo preto e nacional pelo ricoço amarelo ou arroxeadado. (Careta, 10/5/1924. p.7). Os grifos são nossos.

Antes de continuarmos a matéria, façamos uma consideração. Nos anos de 1920, aqueles que vinham de fora podiam ser identificados de algumas maneiras como aparecem no trecho selecionado, isto é, estrangeiros ou forasteiros. Independente do fato de ser imigrante (aquele que vem de outro país com a intenção de trabalhar ou residir no Brasil por uma temporada ou para sempre) ou excursionista (como eram chamados os turistas naqueles anos) a Argentina figurava como país muito mais atrativo e com maior sintonia naqueles tempos de modernização que tinham o continente europeu como um modelo a ser seguido. Ainda neste fragmento, a desconfortável convivência do Brasil com mais de três séculos de escravidão fazia com que o país aspirasse pela presença majoritária de estrangeiros na tentativa de tirar do alcance de nossas vistas a presença do negro, de acordo com o texto, preto. Assim, aquele que ajudou a construir o Brasil devia ser colocado à margem da sociedade e o referencial externo com tipo bastante distinto identificado, por exemplo, nos orientais (amarelos) passou a predominar. Vamos acompanhar mais um trecho da edição da revista *Careta* acerca das palavras portuguesas que não encontram tradução:

(...) *Chefe; chefe político; batuta; bicho; bichão; sabido; sabidório, Flor, minha flor, florzinha, etc.*

Bicho; jogo do bicho, ganhar e perder no bicho, centena; milhar; dezena, grupo, dezena invertida. (...)

Frases usuais formadas com esses termos. Modos de linguajar. Idiomatismos.

- Bom dia chefe. Com vai essa força? (Good morning, your chief. How goes that Power) etc. (...)

Ganhou no bicho hoje? Qual foi a centena? E o milhar? O Sr. Inverteu? (Avez vous gagné au bicho? Combien avez vous gagné dans le miller?) etc. (...)

Essas e outras frases o estrangeiro pode repetir invertendo, transpondo, etc ao infinito, porque será imediatamente entendido e atendido. (Careta, 10/5/1924. p.7).

Os grifos são nossos.

O fragmento jornalístico faz menção à dificuldade que os estrangeiros encontravam com a língua portuguesa e, mais especificamente, construções tipicamente brasileiras envolvendo, por exemplo, uma diversão criada pelo barão de Drummond a fim de atrair público para seu zoológico em Vila Isabel. Assim, nasceu o jogo do bicho, uma vez que ao comprar o ingresso o visitante recebia um bilhete com afigura de um bicho e, à tarde, seria aberta uma caixa que escondia uma gravura e quem tivesse o mesmo animal sorteado ganharia um prêmio[†]. Com o tempo no Brasil, essa prática se confundiu com a história da cidade. Como explicar isso para o estrangeiro? Não era algo simples e a revista *Careta*, bem ao seu estilo, escolheu o viés do humor para abordar o assunto em suas páginas.

Na conjuntura entre as duas guerras mundiais, em 1921, a legislação imigratória brasileira foi modificada (decreto nº 4247) quando o termo estrangeiro passou a ser utilizado para identificar a entrada de pessoas no território do Brasil e dedicou parte de seu texto para tratar em detalhes da expulsão dos *indesejáveis*[‡] (comumente identificados como prostitutas, ciganos e nômades). Como afirma Giralda Seyferth, em dezembro de 1924, o decreto nº 16.761 estabeleceu que a entrada do imigrante seria permitida com a apresentação à autoridade competente com os documentos devidamente autenticados e as informações de boa conduta, nacionalidade e características pessoais. Equivocadamente, os velhos critérios eugenistas e morais pareciam influenciar na legislação do período.

Ao mesmo tempo em que as regras para a chegada dos imigrantes pareciam mais rígidas, as autoridades pareciam apreciar com muita simpatia a entrada de outra categoria de estrangeiros, ou seja, os turistas. Ao tentar colocar o Brasil no mesmo nível das demais nações modernas e industrializadas, a noção de lazer ao redor dos centros urbanos e no litoral

[†] Magalhães, 2011.

[‡] Menezes, 1997.

consolidou-se e isto representou importante incentivo para o desenvolvimento do turismo tendo destaque para a cidade do Rio de Janeiro. Acompanhemos como esta questão era percebida por intermédio de uma matéria de abril de 1924:

O Brasil, país opulento em fontes minerais e termais, se tivesse quem tratasse de torná-las bem captadas, atraentes, com hotéis confortáveis, diversões variadas, boa música, estabelecimentos balneares amplos, asseados e bem aparelhados, torna-se-ia, em breve tempo, um ponto de convergência de turistas de todo o mundo como acontece particularmente à Suíça, à Alemanha, à França e a Portugal.

Aqui, porém, só há uma idéia fixa: - cobrar impostos de tudo quanto representa um bem estar para o povo. (...)

Teresópolis, centro populoso admiravelmente bem situado, numa ótima altitude, poder-se-ia tornar uma das melhores cidades de verão próximas da capital do Brasil.

Um Pereira Passos, com plenos poderes, e boa soma de dinheiro, transformaria aquele precioso diariamente, no mais lindo brilhante que imaginar se possa. (Caretta, 19/4/1924. p.36).

Destaquemos alguns elementos que constam neste fragmento. Os recursos naturais eram valorizados como as fontes minerais e termais e a tendência da época de preocupação com a saúde e as atividades associadas ao corpo, com destaque aos esportes, incrementavam as estâncias como locais turísticos e de lazer. Todavia, no caso do Brasil, a natureza tinha que vir acompanhada de ações assertivas dos governantes locais como forma de atrair turistas para o país e ajudar no desenvolvimento de muitas cidades. Para tanto, o exemplo trazido foi a cidade serrana de Teresópolis que tinha diversos atrativos a serem realçados como o clima ameno, a paisagem das montanhas e a proximidade da capital federal. Em 1924, o referencial de Pereira Passos (prefeito do Distrito Federal entre 1902 e 1906) ainda a aparecia bastante forte e as novas perspectivas para o urbanismo no Brasil ainda tiveram que esperar o Plano Agache elaborado no final da década de 1920. Além disso, outro problema sério a ser superado era a questão do transportes para as cidades que apresentavam potencialidades turísticas:

A estrada de ferro, com o bafejo do governo, sem as peias e irregularidades das passadas administrações oficiais, que nada fizeram em seu benefício, pôde muito breve, ser uma via digna de emular com as melhores da Suíça: dêem-lhe mais locomotivas de serra e de simples aderência, mais carros de passageiros e de bagagens, tornem-se as estações confortáveis, limpas e diminuam-se os preços das passagens que ainda são muito caras, bem assim os fretes de bagagens e, em pouco tempo, veremos realizado o sonho de todo indivíduo inteligente e amante deste admirável país.

*É preciso que os governos gastem, auxiliando estas boas empresas para depois haver compensação nas vantagens que darão aos cofres públicos, a afluência de **excursionistas estrangeiros**, as construções que, certo, se multiplicarão como aconteceu á cidade do Rio de Janeiro na administração áurea Rodrigues Alves-Passos-Oswaldo Cruz. (Caretta, 19/4/1924. p.36). O grifo é nosso.*

Na década de 1920, nas cidades, quando os trabalhadores passaram a lutar por melhores condições de trabalho, a noção de lazer cresceu em tempo e em importância. O lazer é também uma criação histórica e resultado das mudanças, dos controles institucionais e das exigências individuais. De acordo com Joffre Dumazedier, apesar do lazer ser uma grande obsessão, no entanto, permanece mal conhecido e suas dimensões estão escondidas na representação dominante, estereotipada e mítica de suas relações com a atividade do trabalho e outros compromissos sociais. No universo do lazer, o turismo é uma atividade que se destaca. Nesse sentido, a atividade turística pode ser compreendida como uma manifestação lúdica no mundo contemporâneo e merece nossa atenção tanto pelas suas características quanto pelo fato de ser considerado elemento central de diversas mudanças culturais na sociedade da contemporaneidade.

Considerações Finais

Ao alvorecer do terceiro milênio, no universo dos estrangeiros, por que buscar as aproximações entre imigrantes e turistas uma vez que eles parecem ter motivações tão distintas para chegarem ao Brasil no período da década de 1920? Vamos por partes. Em primeiro lugar, é importante compreender os motivos que levam os estrangeiros a saírem do seu país de origem. No caso dos imigrantes, as dificuldades de diferentes naturezas – econômica, política e/ou religiosa – podem ser apontadas como as principais motivações. Por sua vez, os turistas têm perfis distintos que envolvem questões econômicas (turismo de negócios), culturais, étnicas, hedonistas, de intercâmbio, de esportes e muitas outras que também poderiam ser listadas. Em segundo lugar, os anos 1920 foram marcados pelo fluxo migratório expressivo de imigrantes que passaram a viver tanto no campo quanto nas cidades do Brasil e isto deixou marcas profundas na sociedade brasileira. Em paralelo, nesta mesma década, as primeiras estruturas para o turismo foram estabelecidas na tentativa de transformar o país num destino turístico para receber os turistas estrangeiros. No momento em que o continente europeu se reerguia dos efeitos devastadores da Primeira Guerra Mundial, os destinos turísticos na América Latina despontavam com possibilidades bastante concretas. Em terceiro lugar, nos anos 20, não existia uma preocupação das autoridades em integrar os imigrantes que chegavam ao Brasil, assim quanto mais empobrecidos mais vulneráveis eles estavam a constrangimentos econômicos e sociais. Já os turistas eram percebidos como

riçaos, frequentemente excêntricos, dispostos a gastar dinheiro e que facilmente se encantavam com as belezas naturais brasileiras. Portanto, os turistas podiam ser caricaturados sendo os estigmas de *deslumbrados, consumistas, possuidores de máquinas fotográficas que pretendiam registrar tudo* se cristalizava cada vez mais. Em síntese, o estrangeiro fosse o imigrante ou o turista era visto como um estranho que desconhecia os costumes, os hábitos e a língua do Brasil. A convivência com os brasileiros era marcada por tensões e desconfortos e as pontes do convívio tiveram que ser construídas ao longo do processo histórico do século XX. Na atualidade, ainda há muito a ser trilhado neste percurso em tempos de globalização para o capital e os investimentos, as barreiras persistem para a circulação de pessoas e as fronteiras e as alfândegas podem significar barreiras difíceis de serem transpostas.

REFERÊNCIAS

- ASSAD, Leonor. *Nova onda de estrangeiros chega ao Brasil*. Revista Ciência e Cultura. São Paulo. Abril/junho de 2012. v.64. n.2.
- ASSUNÇÃO, Paulo. de. (2012). *História do turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura*. Barueri: Manole.
- BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2011.
- CAMARGO, Haroldo. Leitão. *Patrimônio Histórico Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emílio. (Orgs.) *História do trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2010.
- Careta* (Revista Ilustrada). Edição de 19 de abril de 1924. p.36. e 10 de maio de 1924. p.7. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=estrangeiros> Acesso em 1º de junho de 2015. (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).
- CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. (1999). In: G. Velho (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. pp.80-87. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P.80-87.
- DUMAZEDIER, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.

FARIA, Izabel Cristina Augusto de Souza; BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *Voices do Turismo: incursões interdisciplinares e relatos de experiências*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

GARCIA, Sheila dos Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (19137-1945)*.(Dissertação em Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis, 2005.

GASTAL, S. de A. (2006). *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papyrus, 2006.

KRIPPENDORF, J. (2009). *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.

LAGE, B. H. G.. et AL. (Org.). *Turismo, hotelaria e lazer*. São Paulo: Atlas, 2004. v.3.

LOBO, Eulália M. L. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

LUCA, T. R. (2008). A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: Martins, A. L., Luca, T. R. de. *História da Imprensa no Brasil*. p.149. São Paulo: Contexto.

MAGALHÃES, Felipe. *Ganhou, leva!/: o jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)*. Rio de Janeiro. FGV/FAPERJ, 2011.

MARTINS, Ismênia de Lima e HECKER, Alexandre (Orgs.). *E/Imigrações: história, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010.

MENEZES, Lená Mederios de. *Os indesejáveis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

MORSE, Richard. *As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, 1995.v.8.n.16. p.205-225.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROMERO, José Luis. *América Latina; as cidades e as ideias* Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SANTANA, A. (2009). *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph.

Santos. A.C. M. dos. (2001). Prefácio. In: C. Kessel. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. pp.9-11. Rio de Janeiro: Secretarias das Culturas.

SEVENCKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: Fernando Novais (Dir.). *História da Vida Privada no Brasil*. v.3. p.513-619. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político*. Comunicação apresentada na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro: junho, 2008.

SOLHA, K. T. (2002). Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. p.123-162. São Paulo: Aleph.

TRIGO, L. G. G. (2003). *Entretenimento*. São Paulo: SENAC.

URRY, J. (2001). *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel; SESC.